



**“SUA VIDA É DEFINIDA PELO SISTEMA... OU PELA FORMA COMO
VOCÊ DESAFIA O SISTEMA”: EM FOCO QUESTÕES DE GÊNERO E
SEXUALIDADE NA SÉRIE SENSE8**

**“TU VIDA ESTÁ DEFINIDA POR EL SISTEMA... O POR CÓMO
DESAFIAS AL SISTEMA”: CENTRARSE EN CUESTIONES DE GÉNERO Y
SEXUALIDAD EN LA SERIE SENSE8**

**“YOUR LIFE IS DEFINED BY THE SYSTEM... OR BY THE WAY YOU
CHALLENGE THE SYSTEM”: A FOCUS ON GENDER AND SEXUALITY
ISSUES IN THE SERIES SENSE8**

Willame Anderson Simões Rebouças ¹

Lara Torrada Pereira ²

Luis Felipe Hatje ³

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar questões de gênero e de sexualidade observadas em *Sense8*, a partir das relações interpessoais de uma personagem mulher trans e lésbica. Aposta na análise cultural como metodologia central do estudo e tem como amostra uma das protagonistas, Nomi Marks. Nas concepções teóricas, vale-se dos estudos culturais, dos estudos de gênero e dos estudos da sexualidade, a partir de uma perspectiva pós-crítica. Resulta do estudo uma análise das violências sofridas pela Nomi no contexto familiar dela que, frequentemente, invalida sua identidade como mulher. As situações vivenciadas pela personagem possibilitam refletir sobre os conceitos de família e de afetividade, sobretudo, refletir tais conceitos sob os parâmetros de um convívio saudável, dentro e fora de casa. Conclui-se que *Sense8* é uma série que convida o público à reflexão crítica

¹ Mestrando em Educação, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.

² Doutora em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Doutor em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

acerca do funcionamento e estruturação das sociedades, sendo uma série que confronta sistemas autoritários e cisheteronormativos.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos culturais. Séries de *streaming*. Identidade de gênero. Transgênero.

RESUMEN

Esta investigación pretende analizar las cuestiones de género y sexualidad observadas en *Sense8*, a partir de las relaciones interpersonales de una mujer trans y un personaje lesbiano. Se basa en el análisis cultural como metodología central del estudio y su muestra es una de las protagonistas, Nomi Marks. Sus concepciones teóricas beben de los estudios culturales, los estudios de género y los estudios de sexualidad desde una perspectiva postcrítica. El estudio analiza la violencia sufrida por Nomi en su contexto familiar, que a menudo invalida su identidad como mujer. Las situaciones vividas por el personaje permiten reflexionar sobre los conceptos de familia y afecto, sobre todo, reflexionar sobre estos conceptos dentro de los parámetros de una relación sana, tanto dentro como fuera del hogar. En conclusión, *Sense8* es una serie que invita al público a reflexionar críticamente sobre cómo funcionan y se estructuran las sociedades, ya que se enfrenta a sistemas autoritarios y cisheteronormativos.

PALABRAS-CLAVE: Estudios culturales. Series en *streaming*. Identidad de género. Transgênero.

ABSTRACT

This research seeks to analyze issues of gender and sexuality observed in *Sense8*, based on the interpersonal relationships of a trans woman and lesbian character. It relies on cultural analysis as the study's central methodology and its sample is one of the protagonists, Nomi Marks. In its theoretical conceptions, it draws on cultural studies, gender studies and sexuality studies, from a post-critical perspective. The result of the study is an analysis of the violence suffered by Nomi in her family context, which often invalidates her identity as a woman. The situations experienced by the character make it possible to reflect on the concepts of family and affection, above all, to reflect on these concepts within the parameters of healthy coexistence, both inside and outside the home. The conclusion is that *Sense8* is a series that invites audiences to reflect critically on how societies function and are structured, as it confronts authoritarian and cisheteronormative systems.

KEYWORDS: Cultural studies. Streaming series. Gender identity. Transgender.

* * *

Sua vida é definida pelo sistema... ou pela forma como você desafia o sistema.

Nomi Marks

Introdução

Impulsionadas pelas tecnologias de *internet* e/ou pelos serviços de *streaming*, as séries de *streaming* consolidaram-se de maneira global, assistidas por pessoas do mundo inteiro e disponibilizadas *on-line*, nas mais diversas plataformas. Além disso, encontram-

se popularizadas, consideradas, inclusive, como lazer entre as pessoas, sendo um dos fenômenos mais marcantes da geração atual, “seguidas por um grande público que aguarda ansiosamente o próximo episódio” (Moura; Pereira; Keegan, 2019, p. 3).

Elder Alves (2019) aponta o caso da *Netflix*, uma das empresas de *streaming* de maior liderança nos serviços de *streaming*, de tal modo que, sua estratégia comercial inspirou diversas outras empresas conhecidas na atualidade, como a *Google* e até a *Microsoft* (Valiati, 2020). No Brasil, a chegada da *Netflix* reverberou em um amplo impacto comercial, já ultrapassando mais de nove milhões de assinantes, o que também confirma o crescimento constante do ramo dos serviços de *streaming* no mercado nacional e internacional (Fernandes, 2018; Alves, 2019; Valiati, 2020).

Para a realização deste estudo⁴, foi proposta uma aproximação com a série de *streaming Sense8*, questionando: Que questões de gênero e sexualidade estão presentes nesta série? Que pedagogias *Sense8*, enquanto um artefato cultural, possibilita pensar? Tendo em vista a importância de compreender o modo como as sociedades tecnológicas têm se relacionado com seus instrumentos de disseminação das informações e assimilar os impactos dessas relações dentro de determinados contextos sociais (Pires; Mazza; Pires, 2020).

Nesse sentido, é objetivo geral deste estudo: analisar questões de gênero observadas em *Sense8*, a partir das relações interpessoais de uma personagem mulher trans e lésbica. Além disso, tem-se por objetivos específicos: apresentar *Sense8*, a partir de uma breve contextualização da série e de seus/suas personagens principais; elencar momentos da série que abordam questões de gênero e de sexualidade; problematizar questões de gênero observadas em *Sense8*, tendo como foco a personagem Nomi Marks.

Para tal, tem-se como base os estudos culturais, estudos de gênero e estudos da sexualidade, a partir de uma perspectiva pós-crítica, tendo como inspirações: Joanalira Magalhães (2014), nas pesquisas sobre estudos culturais; Franciele Moura, David Pereira e Cael Keegan (2019), que auxiliam na contextualização de *Sense8*; Luis Hatje, Lara Pereira e Juliana Rizza (2020), com os estudos de gênero e de sexualidade; Luma Andrade (2019) e Letícia Nascimento (2023), no debate acerca da transgeneridade e suas questões; entre outras referências.

⁴ Este artigo integra a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvida no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu *Educação para a Sexualidade: dos Currículos Escolares aos Espaços Educativos*, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

É intuito desta pesquisa fomentar o debate sobre questões que envolvem gênero, tendo em vista um instrumento de disseminação das informações no formato de série de *streaming* e que circula entre as sociedades atuais. Destaca-se, ainda, no sentido acadêmico, a importância de desenvolver pesquisas centradas nos eixos de gênero, sexualidade e dos estudos culturais pois, estes envolvem questões como: o tensionamento de estereótipos e outras limitações sociais e culturais no que diz respeito a gênero e sexualidade; a problematização acerca dos discursos e das representações sociais, com relação às questões de gênero e de sexualidade; além da contribuição intelectual e social para os estudos culturais, de gênero, de sexualidade e de educação para a sexualidade (Hatje; Pereira; Rizza, 2020).

Ademais, o interesse em problematizar questões de gênero e de sexualidade em uma série de *streaming* reflete da ideia de que a linguagem cinematográfica impacta de diferentes maneiras naqueles(as) que se apropriam dessas simbologias. Logo, o interesse no assunto justifica-se na compreensão de que, por meio do universo das séries de *streaming*, é possível despertar as pessoas para realidades e possibilidades culturais que, possivelmente, não integram seus espaços cotidianos, refletindo na visão dessas pessoas sobre si e sobre o mundo (Souza; Oliveira, 2021).

Procedimentos Metodológicos

Este estudo foi desenvolvido a partir da análise cultural, uma metodologia de pesquisa que tem como material analítico artefatos culturais. Como apontam Luis Hatje, Lara Pereira e Juliana Rizza (2020, p. 119), artefatos culturais são “espaços que nos educam”, na forma de várias e diversas produções, como: “peças publicitárias, músicas, comunidades da *internet*, vídeos, charges, revistas, jornais, programas televisivos e radiofônicos” (Hatje; Pereira; Rizza, 2020, p. 119), entre outras produções que resultam dos “processos de construção cultural” (Hatje; Pereira; Rizza, 2020, p. 119), como é o caso das séries de *streaming*.

Ressalta-se que artefatos culturais “não são apenas meios de entretenimento, diversão e informação” (Hatje; Pereira; Rizza, 2020, p. 119), são, também, “veículos que abordam pautas presentes na contemporaneidade” (Hatje; Pereira; Rizza, 2020, p. 120), encontradas, aqui, a partir das questões de gênero e de sexualidade, presentes em *Sense8*. Devido aos sentidos e significados que atravessam os(as) sujeitos(as), entende-se que os artefatos culturais possuem pedagogias que ampliam os sentidos, os modos de ser, de

pensar e, principalmente, de conhecer e interagir com o mundo (Magalhães, 2014; Hatje; Pereira; Rizza, 2020).

Os estudos culturais, “estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder” (Magalhães, 2014, p. 171), portanto buscam compreender as aprendizagens perpassadas através das pedagogias culturais, entendendo que essas pedagogias “ensinam modos de ser e de estar na sociedade” (Magalhães, 2014, p. 171) e que correspondem a processos sociais vinculados à produção de significados (Magalhães, 2014), neste caso, tendo o meio televisivo e/ou de *streaming* como via de produção de sentidos, significados e/ou representações (Hatje; Pereira; Rizza, 2020).

Após a apresentação dos conceitos fundamentais sobre a metodologia deste estudo, o passo inicial foi assistir a cada episódio de *Sense8*, identificando situações atravessadas por questões de gênero. A série possui duas temporadas, cada uma contendo 12 episódios, cada um deles com duração variada entre, no mínimo, 45 minutos e, no máximo, 2 horas e 31 minutos. Manualmente, foram realizadas transcrições ao longo dos 24 episódios, sem uso de *softwares* específicos para isso e, concluída essa etapa, foi feita uma releitura das transcrições registradas, a fim de pensar possíveis discussões e problematizações potentes para as análises. Durante a releitura das transcrições, uma das personagens principais da série foi nos tocando, nos subjetivando e, a partir disso, elegemos a história e as narrativas da personagem Nomi Marks para trazer a este texto.

A Nomi é uma personagem com uma história atravessada por lutas contra o preconceito e a transfobia desde a sua infância, tendo de encarar, também, a não-aceitação do pai e da mãe por ser uma mulher trans e lésbica. Por ser uma personagem que retrata dores e desconsolos vivenciados por conta do preconceito, foi uma personagem que, em profundidade, nos causou sentimentos de acolhimento, de força e de reconhecimento, tornando essa relação um fator importante na escolha de qual personagem abordar neste estudo.

Com isso, a história da Nomi nos toca, sua história centrou muito da atenção e, com isso, tornou-se o foco de análise desta pesquisa. Reafirmar esses processos de escolha, bem como os possíveis atravessamentos pessoais que ocorrem em uma pesquisa é, como colocam John Creswell e John Creswell (2021), uma forma de transparecer os detalhes metodológicos de um estudo e de reforçar sua credibilidade, tendo em vista que uma pesquisa, qualquer que seja ela, jamais é totalmente impessoal ou neutra em relação aos/as pesquisadores/as que a fazem.

As narrativas da Nomi, ao longo de *Sense8*, atravessam por diversas questões que problematizam e trazem visibilidade às temáticas gênero e sexualidade, sendo uma personagem que retrata muitos desafios que perpassam o cotidiano de pessoas trans. Nesse sentido, é importante ressaltar que a presença de uma personagem trans impacta nos(as) espectadores(as). Para a comunidade trans, ver-se representada de forma respeitosa nas telas fortalece a identidade e reafirma a existência dessas pessoas na sociedade. Muitas vezes, a mídia perpetua estereótipos negativos ou marginaliza personagens trans, tornando fundamental que novas produções ofereçam representações mais humanizadas.

Ademais, para o público em geral, especialmente para aqueles(as) que não convivem com pessoas trans, o contato com narrativas que abordam suas trajetórias e desafios contribui para a empatia e a compreensão. Quando uma série de grande alcance apresenta uma personagem trans de forma autêntica e respeitosa, cria-se a oportunidade para que o debate sobre identidade de gênero saia do campo da desinformação e do preconceito e passe a ser tratado com mais humanidade. A partir de tudo isso, a Nomi torna-se uma personagem que traz visibilidade para a comunidade trans, bem como para as pautas de luta da comunidade.

A análise cultural nos convoca a olhar para além do artefato e pensar que, nesse tempo e espaço de produção, os endereçamentos, sentidos e significados (re)produzidos precisam ser considerados. Assim, a motivação em apontar a Nomi como foco desta pesquisa partiu também de questões culturais e sociais que envolvem a série *Sense8*. A personagem Nomi, tal como a atriz que a interpreta, Jamie Clayton, é uma mulher trans. As criadoras da série, Lana Wachowski e Lilly Wachowski, também são mulheres trans. Com isso, *Sense8* torna-se a primeira produção midiática a narrar e protagonizar a história de uma mulher trans por uma atriz que também é trans e, simultaneamente a isso, contando com a escrita e direção da série, também, por mulheres trans. Algo que também foi de grande importância e peso durante a escolha de qual personagem aprofundar neste estudo, tendo em vista a relevância desta personagem dentro e fora do universo da série.

Por fim, como último passo, deu-se a análise das transcrições que envolviam a Nomi e, conseqüentemente, levando a analisar questões de gênero e de sexualidade observadas em *Sense8* a partir das relações interpessoais de maior impacto na vida desta personagem.

***Sense8* e o universo de ficção da série**

Sense8 é uma série estadunidense, sendo originalmente produzida pela Netflix e contando com o fenomenal protagonismo das irmãs Lilly Wachowski e Lana Wachowski na escrita e direção da série. Sua exibição de estreia ocorreu oficialmente em 5 de junho de 2015 e, desde então, a série conquistou fãs por todo o mundo. Passado algum tempo desde a estreia dos 12 episódios da primeira temporada, foi anunciado um episódio especial de natal, a ser exibido em 23 de dezembro de 2016. Tal episódio viria a ser o primeiro da segunda temporada que, em 5 de maio de 2017, teve mais 10 episódios vinculados ao seu catálogo. No dia 1 de junho de 2017, cerca de um mês depois do lançamento da segunda temporada, foi divulgado pela própria *Netflix* o cancelamento de *Sense8*.

O movimento de rescisão da *Netflix* com a série causou grande inquietação e repercutiu bastante entre as redes sociais, levando os/as fãs a protestarem via *Twitter* e *Instagram*, pedindo para que a *Netflix* voltasse com a decisão. Resultou que a série não foi renovada para uma terceira e última temporada, porém “em sua conta oficial no *Twitter*, a empresa divulgou [...] um novo episódio de duas horas, a ser exibido em 2018” (Uol, 2017, s.p), o que, na época, também foi confirmado pela direção da série: “Lana Wachowski, uma das criadoras da série, disse que o especial será “um presente para os fãs” [...]” (Uol, 2017, s.p), que lutaram para que a série tivesse um desfecho mais apropriado, com um último episódio para encerrar a história de *Sense8*.

O novo posicionamento da *Netflix* em virtude dos protestos dos/as fãs apenas comprovou o impacto que *Sense8* trouxe ao público, bem como, o quão simbólicas foram/são as narrativas apresentadas na série, “O que aconteceu com *Sense8* mostra o poder que existe atualmente nas mãos dos fãs, principalmente dos que usam redes sociais” (Uol, 2017, s.p). Diante disso, em 8 de junho de 2018, *Sense8* teve seu encerramento oficial, com um episódio final de 2 horas, 31 minutos e 37 segundos, intitulado *Amor Vincit Omnia*.

Em *Sense8*, somos apresentados a oito indivíduos — Capheus, Kala, Lito, Nomi, Riley, Sun, Will e Wolfgang — que, apesar de estarem fisicamente distantes, em diferentes partes do mundo, compartilham uma conexão inexplicável que os une de maneira profunda e complexa. Aos poucos, a série desenvolve o grupo, mostrando um pouco da região onde vivem, suas relações interpessoais de maior impacto, as habilidades predominantes, seus medos e anseios, o passado e as memórias individuais, a cultura na qual cresceram, a sexualidade, a religião e entre outras caracterizações importantes.

Cada personagem tem uma história e uma origem cultural diferentes. Wolfgang Bogdanow é arrombador de cofres, alemão, e vive em Berlim, interpretado por Max Riemelt. Kala Dandekar é farmacêutica, devota hindu, indiana, e vive em Mumbai com familiares, interpretada por Tina Desai. Capheus Onyango é motorista de van, queniano, e mora em Nairóbi com sua mãe, interpretado por Toby Onwumere⁵. Nomi Marks é *hacktivista* e blogueira política, é uma mulher trans e lésbica, de nacionalidade americana, e reside em São Francisco, interpretada por Jamie Clayton. Will Gorski é policial, americano, e trabalha no Departamento de Polícia de Chicago, interpretado por Brian Jacob Smith. Sun Bak é economista formada e lutadora em ascensão, é sul-coreana, e vive em Seul, interpretada por Doona Bae. Lito Rodriguez é ator, mexicano, e vive a homossexualidade em segredo, na Cidade do México, interpretado por Miguel Ángel Silvestre. Por fim, Riley Blue, ela é uma DJ, islandesa, e vive em Londres, interpretada por Tuppence Middleton.

Assim, *Sense8* conta como oito personagens tornam-se não mais estranhos entre si, mas uma família, de modo que, ao longo de cada episódio, os/as personagens interagem e conhecem sobre suas vidas, compartilhando memórias, sentimentos, habilidades e conhecimentos. Nesse sentido, é por meio dessas oito histórias que *Sense8* atravessa por discussões étnico-raciais, de gênero, sexualidade, religião, política, entre outros temas do aspecto social (Moura; Pereira; Keegan, 2019).

Capheus, Kala, Lito, Nomi, Riley, Sun, Will e Wolfgang descobrem que nasceram exatamente no mesmo dia e no mesmo momento, deram o primeiro suspiro de vida juntos e, geneticamente, não se enquadram entre a espécie *Homo Sapiens*, mas, sim, entre o que se conhece como *Homo Sensorium* ou *Sensate*. Na realidade, eles pertencem a um mesmo grupo de nascimento ou *grupo sensate*, são, como diz na série, de um mesmo *cluster*⁶ e conseguem partilhar⁷ o idioma, o conhecimento e as habilidades entre si, algo que não acontece entre *Sensates* que não são do mesmo *cluster*.

No desenrolar da série Capheus, Kala, Lito, Nomi, Riley, Sun, Will e Wolfgang começam a perceber que, dentre as capacidades naturais da espécie *Homo Sensorium*, podem sentir as emoções e os sentimentos dos/as que compõem seu *grupo sensate*, bem

⁵ Inicialmente, durante a primeira temporada da série, Capheus foi interpretado por Aml Ameen porém, a partir da segunda temporada ocorreu uma mudança de ator, onde, oficialmente, Toby Onwumere passa a interpretar este personagem.

⁶ O termo *cluster* é, na série *Sense8*, um sinônimo para *grupo sensate*. Capheus, Kala, Lito, Nomi, Riley, Sun, Will e Wolfgang pertencem ao mesmo grupo de *nascimento sensate*, por isso são do mesmo *cluster*.

⁷ O termo partilhar refere-se, na série *Sense8*, a uma capacidade natural da espécie *Homo Sensorium*, na qual, é possível acessar os conhecimentos e as habilidades de outra pessoa do seu *cluster*.

como visitar⁸ outros *Sensates*, mesmo que sejam de outros *clusters*. A série explica que *Sensates* possuem um sistema nervoso psíquico chamado *psycellium* e que ele é o responsável por estabelecer essa conexão sináptica entre *Sensates*, conseqüentemente, permitindo partilhar, visitar e sentir as emoções.

Aspectos de representação de gênero e sexualidade observados em *Sense8*

A Nomi é uma mulher trans e lésbica e desde muito pequena tinha dificuldades com a mãe e com o pai em relação à sua identidade de gênero, já que ambos não a apoiavam. Observa-se que essa é uma realidade comum para pessoas trans já que “ao pensarmos sobre as existências trans e seus trânsitos, detectamos o quanto ainda hoje essas são invisibilizadas, não reconhecidas e, até mesmo, excluídas de muitos espaços sociais” (Mello, 2021, p. 92), como acontece com a Nomi, que tem de lidar, constantemente, com o não reconhecimento da sua identidade pela família.

A série mostra, inclusive, que a Nomi tinha dificuldades na convivência com a maioria de seus parentes, exceto no caso da relação entre ela e sua irmã, Teagan Marks que, aos poucos, tornou-se um importante ponto de apoio para a Nomi. Isto pode ser percebido, por exemplo, ao longo do nono episódio da segunda temporada de *Sense8*, quando a Nomi relata um pouco da sua relação com familiares e sobre o modo como ela costumava interpretar essas relações:

Nomi Marks: [...] Como geralmente não sou convidada para as festas de família, confesso que por muito tempo relacionei a ideia de família à frase de Nietzsche: “O que não me mata me fortalece.”. Mas não penso mais assim a respeito da minha família. Isso se deve à minha irmã, Teagan. [...] Era difícil ser irmã da Teagan... porque ela era tão perfeita. Ela era inteligente, engraçada e bonita. Os passarinhos a seguiam até a escola. Eu, por outro lado, era o contrário. Eu era a difícil. A problemática. Lembro-me de uma sessão de terapia com minha mãe em que ficamos só gritando uma com a outra até que ela disse: “Por que você não pode ser mais como a Teagan?”. [...] (T2, EP9)

O depoimento acima mostra vivências da Nomi a respeito das tensões que podem existir em dinâmicas familiares, especialmente, na presença de comparações entre os/as sujeitos/as marcados/as por essas relações. A narrativa expõe, também, a dificuldade de viver à sombra de uma “irmã perfeita” e essa perfeição amplifica o sentimento de

⁸ O termo visitar refere-se, na série *Sense8*, a uma outra capacidade natural da espécie *Homo Sensorium*, na qual é possível visitar outro *Sensate*, seja ele do mesmo *cluster* ou não.

inadequação da personagem, que se vê como a problemática. O acontecimento na sessão de terapia, em que a mãe expressa o desejo de que a Nomi fosse mais como a Teagan, também expressa o problema da dor causada pela comparação constante.

Segundo a pesquisadora Yasmin Mello (2021, p. 91-92), “por serem consideradas, em termos sociais, como desviantes da norma binária de gênero, as pessoas trans são consideradas, em nossa sociedade, como abjetos, pois rompem e colocam sob suspeita a heteronormatividade e o sistema de inteligibilidade”, tal como observa-se com a Nomi, que se percebe desviante desde a infância em termos sociais e ainda mais evidente em comparação com sua irmã, que correspondia aos padrões.

No entanto, o depoimento não é apenas sobre conflito, mas também sobre transformação e reconciliação. A mudança na percepção da Nomi sobre o papel da família, devido a ligação com a irmã, sugere que mesmo as relações mais conflituosas podem ser trabalhadas, desbloqueando espaço para o crescimento e para a construção de laços saudáveis, como aconteceu entre Nomi e Teagan. Ora, a qualidade em relações familiares é algo sempre muito subjetivo, variando de acordo com a experiência de cada pessoa (Silva; Dessen, 2014) e, no caso de Nomi e Teagan, foi uma experiência que saiu de teor turbulento para uma atmosfera de fraternidade. Ainda no mesmo episódio, a Nomi explica sobre como sua relação com a irmã se fortaleceu, bem como a importância disso em sua vida:

Nomi Marks: [...] Teagan e eu também brigávamos muito. Sei que eu tentava provocá-la. Certa vez, rasguei o diário dela. Queria que ela ficasse brava, deprimida, fizesse um escândalo. Que fosse mais como eu. Nossa pior briga foi logo antes da minha cirurgia. Ela foi ao meu apartamento. Acho que, como a maioria dos cisgêneros, ela não entendia por que eu precisava fazer a cirurgia. Ela estava com medo por mim. Acho que uma pequena parte dela queria me convencer a desistir. Então, ela descobriu que eu tinha falsificado a assinatura da minha mãe no termo de consentimento... e nós percebemos que ela tinha o poder de me impedir. Fiquei assustada. Eu disse coisas horríveis e me arrependi assim que falei. Ela foi embora, e fiquei imaginando se o nosso relacionamento tinha acabado. A noite antes de eu ser internada foi a mais longa e mais solitária da minha vida. Mas ninguém me impediu. E quando acordei... a primeira coisa que senti foi a mão da Teagan segurando a minha. O sorriso dela foi a primeira coisa que vi. E a voz dela cantando “Parabéns a Você”... [...] foi a primeira coisa que ouvi. Foi naquele momento... que minha irmã me ensinou o que “família” realmente significa. (T2, EP9)

Michel Foucault (1987; 1988) discute como os indivíduos se constituem enquanto sujeitos por meio de práticas de normalização, que muitas vezes ocorrem em contextos familiares. O ideal de “perfeição” da irmã Teagan poderia ser entendido como um modelo

normativo que, ao ser imposto pela mãe, funciona como uma forma de vigilância, que busca ajustar o comportamento e as escolhas da Nomi àquele padrão. Essa busca pela “perfeição” é uma forma de exercício de poder, que, ao invés de punir diretamente, cria um campo de ação no qual Nomi se vê em constante monitoramento, tentando se ajustar a um ideal que a faz se sentir inadequada (Foucault, 1987).

Contudo, ao transformar sua percepção sobre essa dinâmica, Nomi pode estar começando a reconfigurar a forma como ela se vê dentro desse campo de poder. A ideia de “reconciliação” e a transformação da relação com Teagan podem ser entendidas como um processo de resistência a esse poder normativo, onde Nomi começa a contestar os modelos impostos e a construir uma nova narrativa para sua própria identidade, mais autêntica e menos marcada pela comparação. Michel Foucault (1984; 2004) sugere que o sujeito tem o poder de transformar sua própria realidade, embora esse poder esteja sempre situado dentro de relações de poder mais amplas. A reconciliação entre as irmãs, nesse sentido, pode ser vista como uma forma de resistência e de construção de um novo espaço de subjetividade para ambas.

Além disso, Michel Foucault (2010) coloca que, mesmo em estruturas de poder rígidas, como a família, pode haver espaços para a criação de novas formas de subjetividade, mais livres das imposições e normalizações. Vê-se que, para a Nomi, foi significativo desenvolver a relação com Teagan pois, tal acontecimento marca o primeiro apoio familiar que a Nomi recebeu em casa. No sexto episódio da segunda temporada, por exemplo, é possível notar um pouco mais de perto a relação evoluída da Nomi com a Teagan:

Teagan Marks: [...] Falei para o Tom que estou feliz por você estar aqui [...].

Nomi Marks: Eu também. Apesar de que a mamãe e o papai devem estar perturbando você por isso.

Teagan Marks: Não, está tudo bem.

Nomi Marks: Vamos lá, Teagan, não minta. O que o papai disse?

Teagan Marks: Disse que eu ia me arrepender.

Nomi Marks: Mas por quê?

Teagan Marks: ...

Nomi Marks: Eu aguento.

Teagan Marks: Ele disse que o seu narcisismo é um buraco negro e que você faria algo para chamar atenção no meu casamento. Eu disse que ele estava enganado, e mais importante, que não podia imaginar me casar sem a presença da minha irmã. [...]

Nomi Marks: Amo você. Obrigada por me defender. Não vou desapontá-la. [...] (T2, EP6)

Essa conversa se passa nas vésperas do casamento da Teagan e, na ocasião, é possível notar uma relação de afeto entre Teagan e Nomi. Sabe-se que sentimentos como o carinho e a sinceridade são essenciais na construção de uma boa relação familiar e, para pessoas LGBTI+, significam, também, apoio e força para lidar com outras figuras familiares que não as apoiam em casa (Cunha; Dolabella; Kind, 2020), como no caso da Nomi, que passa pela constante desaprovação do pai e da mãe, com relação a sua identidade.

O progresso observado na relação entre a Nomi e a Teagan mostra-se diferente do que se vê, por exemplo, na relação entre a Nomi e a sua mãe, Janet Marks, ou na relação entre a Nomi e o seu pai, Lawrence Marks. A série mostra que Nomi sempre teve dificuldades na convivência com Janet e com Lawrence, inclusive, dificuldades em enxergar o amor do pai e da mãe em relação a ela. Nomi demonstra isso ao dizer, em uma determinada ocasião, para a personagem Sun: *Muitas pessoas nunca têm o tipo de amor que você recebeu da sua mãe. Eu nunca tive (Nomi, T2, EP7).*

Nomi revela que nunca recebeu cuidados amorosos de Janet, confissão esta, que ela faz em tom de tristeza, mostrando que a ausência da expressão amorosa de Janet foi algo difícil para ela. Tendo a cena anterior como referência, uma outra possibilita observar a estreita relação da Nomi com a mãe, em um outro momento do nono episódio da segunda temporada, quando, na festa de casamento da Teagan, Janet dirige-se até a Nomi para uma rápida conversa:

Janet Marks: *Michael.*

Nomi Marks: *Janet.*

Janet Marks: *Não quero fazer uma cena aqui.*

Nomi Marks: *Por que não? Tenho ótimas ideias.*

Janet Marks: *Sei que Teagan pediu para fazer um discurso, mas se tiver alguma compaixão pela sua irmã ou por esta família, acho que seria melhor para todos se você tivesse uma das suas dores de cabeça misteriosas e fosse embora cedo. Apenas pense nisso. Por favor. (T2, EP9)*

O pedido de Janet para que a Nomi tenha uma das suas “dores de cabeça misteriosas” reflete uma tentativa de evitar conflito público, insinuando também uma relação de manipulação ou falta de aceitação plena da Nomi dentro do contexto familiar, o que pode ser percebido, também, pela maneira como Janet se refere a Nomi, chamando-a por um nome que ela não se identifica ou, sequer, gosta — ou seja, Michael —. Sobre o assunto, Letícia Nascimento (2023) enfatiza que as famílias são, constantemente,

espaços sociais difíceis para pessoas trans pois, na porção maior dos casos, essas famílias se valem de uma postura e, conseqüentemente, de uma cultura que abomina e repudia a corporalidade trans. Trata-se, portanto de uma imposição normativa, que desconsidera o que difere tanto da cisgeneridade quanto da heterossexualidade, colocando as expressões divergentes em uma posição indigna (Nascimento, 2020), tal como acontece em grande parte da relação familiar da Nomi, que inferiorizam ou ridicularizam a transgeneridade da Nomi.

Nesse sentido, observa-se que a reação da Nomi, ao mencionar que tinha “ótimas ideias”, demonstra, de forma irônica, uma posição a não se calar ou a ser diminuída. Assim, a partir da conversa entre Janet e Nomi, é possível problematizar temas que perpassam as vivências trans, como: expectativas sociais; aceitação (ou falta dela) dentro da família; o confronto entre conformismo e individualidade; entre outras reflexões que colocam a transgeneridade em foco.

É possível observar embates entre Nomi e Janet, também, em outros momentos de *Sense8*, como no segundo episódio da primeira temporada. Neste episódio, Nomi e a sua namorada, Amanita Caplan, foram a uma Parada do Orgulho LGBTI+ em São Francisco, as duas desfilavam de motocicleta até que Nomi sofre um desmaio e, com isso, vai ao chão, ficando desacordada por um tempo e acordando acamada em alguma clínica da cidade, acompanhada apenas por Teagan, Janet e uma enfermeira local:

Teagan Marks: Mãe, ela acordou.

Janet Marks: Graças a Deus! Tinha certeza de que ele ficaria em coma pelo resto da vida.

Enfermeira: Como está se sentindo, Michael?

Nomi Marks: Meu nome é Nomi.

Enfermeira: Desculpe. Sua mãe chama você de Michael.

Janet Marks: Que tipo de nome é Nomi? Já ouviu falar de alguém chamado Nomi? Você era Michael antes de sair de dentro de mim e continuará a ser Michael até me colocarem na cova.

Teagan Marks: Mãe, por favor. Ela quase morreu.

Janet Marks: Bem feito. Você não deveria estar andando de motocicleta. Sabe quantas pessoas morrem nessas coisas todo ano?

Nomi Marks: Onde está a Amanita?

Janet Marks: Ela foi embora.

Nomi Marks: Ela não me deixaria aqui.

Janet Marks: O hospital apenas permite familiares na UTI.

Nomi Marks: Ela é minha família.

Janet Marks: Por favor, Michael. Este não é seu blog. Esta é a sua vida.

Nomi Marks: Acho que você deveria ir embora.

Janet Marks: *Não vou a lugar algum. Sou sua mãe e amo você. Talvez nos meus termos, mas amo, e não vou sair daqui antes de você falar com o Dr. Metzger. Se quiser que eu vá embora depois que ele lhe disser o que nos disse, prometo que deixarei você em paz. (T1, EP2)*

Os tratamentos direcionando-se a Nomi como “Michael” e a declaração de amor “nos próprios termos” revelam Janet em uma postura distante em relação a Nomi, não compreendendo as subjetividades da filha. Como afirma Kathryn Woodward (2014), a identidade é marcada pelas diferenças e pode passar por uma série de disputas, como no caso da Nomi, que luta para ser ela mesma, mas é confrontada pelo moralismo antiquado da mãe, bem como pelo preconceito e por atribuições de cunho religioso, com isso, não reconhecendo ou tratando a Nomi da maneira como deseja ser reconhecida e tratada.

Durante a série, algumas outras cenas aprofundam essas disputas e confrontos, como em um outro momento do segundo episódio da primeira temporada, quando Nomi e Amanita preparavam-se para desfilar juntas na Parada do Orgulho LGBTI+, nesse momento, Nomi acaba compartilhando algumas outras lembranças do convívio com o pai e a mãe, especialmente, com Janet:

Nomi Marks: *Estive pensando na minha vida, e em todos os erros que cometi. Os erros que me incomodam, aqueles dos quais me arrependo, são aqueles que cometi por causa do medo. Durante muito tempo, senti medo de ser quem sou, porque aprendi com meus pais que havia algo errado em ser como eu. Algo ofensivo, algo que deveria ser evitado, que talvez até merecesse piedade. Algo que ninguém poderia amar. Minha mãe é fã de São Tomás de Aquino. Ela chama o orgulho de pecado. De todos os principais pecados mortais, São Tomás considerava o orgulho como a rainha dos sete mortais. Ele achava que era isso que levava a todos os pecados e que nos tornava viciados em pecados. Mas o ódio não é pecado, segundo essa lista. Nem a vergonha. Eu tinha medo da Parada porque desejava muito participar dela. Então, hoje, vou desfilar por aquela parte em mim que um dia sentiu medo demais de desfilar. E por todas as pessoas que não podem desfilar, as pessoas vivendo vidas como a que vivi. Hoje, desfilo para lembrar que não sou apenas eu. Também sou um “nós”. E nós desfilamos com orgulho. [...] (T1, EP2)*

O depoimento expressa um processo de reconhecimento de si e de superação dos sentimentos de medo e de vergonha, que restringiam muito das ações e interesses da Nomi no passado, como, por exemplo, frequentar a Parada do Orgulho LGBTI+. A personagem também reflete, em sua narrativa, sobre como as crenças religiosas e o ambiente social moldaram a sua autopercepção e relação com o mundo e, como ela mesma colocou, o medo é seu maior arrependimento pois, como salienta Pedro Alves (2021), o medo é um forte fenômeno de controle social, capaz de reconfigurar ações e de múltiplas formas.

O conceito de biopoder, presente em Michel Foucault (1988), pode ser aplicado aqui, visto que a moralidade imposta pela família da Nomi visa regular não apenas as ações, mas também as emoções e os corpos, determinando o que é “aceitável” dentro da família e da sociedade. A cisheteronormatividade não se limita a uma norma sexual, mas também é uma forma de governança sobre os corpos e as práticas de vida, englobando um conjunto de normas sociais, culturais e políticas que naturalizam as identidades cisgêneras e heterossexuais, excluindo e marginalizando as identidades de gênero e orientações sexuais não normativas.

Renan Quinalha (2021) também sinaliza aspectos antecedentes a esse processo de concentração do medo junto à repressão de corpos com identidades de gênero e orientações sexuais consideradas dissidentes. Segundo o autor, as pessoas da comunidade LGBTI+ enfrentam uma antiga luta contra o silenciamento e apagamento social, confundidas como uma ameaça aos valores morais, éticos e políticos do contexto social vigente. Tal como aparece nesse depoimento da Nomi, quando ela afirma que aprendeu com o pai e mãe que havia algo errado em ser como ela, o que, na realidade, são traços de uma postura conservadora que era assumida em casa pelo pai e mãe da Nomi.

Observa-se que, em casa, Nomi enfrentava um conjunto de discursos religiosos e tendo o pai e a mãe como principais porta-vozes desses discursos. O orgulho, para a mãe dela, é pecado e é visto como a raiz de todas as faltas, enquanto sentimentos como ódio e vergonha — que também machucam e aprisionam — não são considerados pecados. Isso mostra a contradição que muitas pessoas enfrentam quando suas emoções ou identidades são definidas por normas rígidas, mais precisamente, por normas cisheteronormativas (Hatje, 2018; Moura; Pereira; Keegan, 2019; Alves, 2021).

Disso, compreende-se que o orgulho é frequentemente interpretado como uma subversão ao padrão cisheteronormativo que rege as regras, preceitos e preconceitos socialmente construídos (Hatje, 2018). Segundo Lauri Silva e Benito Schmidt (2021, p. 103) “qualquer coisa que fuja dessa cisheteronorma é encarada com estranhamento, como patologia ou como algo exótico e risível. No caso das pessoas trans, esse estranhamento se traduz através da transfobia [...]”.

Vê-se que a moral imposta pelo pai e mãe da Nomi resulta de um processo histórico de normatividade, mais precisamente, de cisheteronormatividade e, conseqüentemente, de transfobia e exclusão social, uma vez que, como apontam as pesquisas de Luis Hatje (2018) e Luma Andrade (2019), sujeitos/as incoerentes a esse sistema de cisheteronormas, são postos a margem da sociedade, compreendidos/as como desviantes

de um processo de disciplinamento do corpo e da mente que, o tempo todo, coloca esses/essas sujeitos/as em um processo contínuo de resistência.

Ao final do depoimento da Nomi, nota-se que a decisão de ir desfilar na Parada do Orgulho LGBTI+ junta a Amanita representa um processo de libertação para a personagem, bem como uma forma de celebrar não apenas a própria identidade, mas a de todos aqueles que não puderam ou não podem assumir abertamente quem são. Além disso, desfilar pode ser visto como um ato de resistência contra o medo e a vergonha impostos pela cisheteronormatividade, transformando o orgulho também em um gesto de luta, pertença e solidariedade.

Ademais, a narrativa da Nomi expõe o paradoxo do orgulho que, longe de ser um pecado, se torna uma virtude vital para a autoestima e bem-estar, especialmente, quando o oposto dele é a negação de si mesmo. Como coloca Luma Andrade (2019), ser trans não implica na ausência de potencialidades, tampouco, na falta do que se orgulhar, todas as pessoas tem um caminho a trilhar e histórias a contar, algo que é motivo de orgulho para qualquer pessoa, mas principalmente para a comunidade trans que trilha por caminhos mais duros, devido à luta contra a transfobia. Além disso, como mostra Letícia Nascimento (2020, p. 19) “É preciso também se amar, o autocuidado é revolucionário”.

Ainda sobre a dificuldade da Nomi com o pai e mãe, um outro momento da série chama a atenção para o assunto, durante o nono episódio da primeira temporada. Nomi estava visitando o Lito e, em uma conversa sobre o passado de cada um, a personagem contou um pouco mais sobre a relação com a família, mas, desta vez, acentuando a convivência com o pai, Lawrence.

Nomi Marks: *Eu adoro bonecas. Meu pai nunca me perdoou por isso. Quando fiz oito anos de idade, meu pai me forçou a entrar no clube de natação. Ele tinha frequentado o mesmo clube e falou que as coisas que tinha aprendido no vestiário tinham transformado-o no homem que ele   hoje. Eu odiava aquele vestiário. Naquela idade, eu me sentia constrangida com meu corpo. Não gostava de ficar nua, muito menos na frente de outros meninos. Mas era preciso tomar uma ducha antes de entrar na piscina, então eu fazia isso vestindo meu calç o e camiseta. Os garotos mexiam comigo, mas eu tentava ignor los, e funcionou, por um tempo. Até que, um dia, não funcionou mais. Não sei como aconteceu, mas lembro de ter a sensa o de que algo ruim ia acontecer. [...] Cometi o erro de tentar me defender. [...] A  gua quente vinha da mesma caldeira que aquecia o radiador. Ainda tenho as cicatrizes no meu estômago das queimaduras de segundo grau.*

Lito Rodriguez: *[...] Monstros desgraçados. Eu sinto muito.*

Nomi Marks: *O vestiário pode ter transformado meu pai no homem que ele  , mas também me transformou na mulher que sou. Depois daquilo, eu abandonei o clube de natação. Parei de tentar me encaixar, tentar ser um deles. Sabia que nunca seria. E mais importante, eu não queria ser. A violência deles... foi mesquinha e ignorante... mas no*

fim das contas, combinava com quem eles eram. A verdadeira violência... a violência que eu percebi que era indesculpável... é a violência que fazemos com nós mesmos, quando temos medo de ser quem realmente somos. (T1, EP9)

Esta narrativa mergulha nas profundezas da dor e do trauma de alguém que, desde a infância, teve que lutar contra uma série de expectativas sociais e familiares acerca da própria identidade de gênero. Segundo Letícia Nascimento (2023, p. 5) “Há uma grande dificuldade em aceitar que infâncias trans existem”, assim como há uma grande dificuldade em ouvir o que elas têm a dizer e em respeitar suas subjetividades. Isso, que a Nomi relatou, dialoga com esta narrativa de Letícia Nascimento (2023, p. 5-6):

Há uma maior dificuldade de ouvir as crianças trans, de permitir que elas falem de suas existências e desejos, de modo que esse debate é constantemente abafado com a desculpa de que “são crianças, não têm autonomia, não podem decidir, nem sabem o que são ainda” [...] se uma criança considerada biologicamente um menino pede como presente uma bola, seu desejo é respeitado como algo legítimo, mas se a mesma criança pede uma boneca, além de ter seu desejo desprezado – o que já é uma forma de violência –, essa criança pode sofrer outras sanções e castigos verbais, físicos e simbólicos de seus responsáveis.

Tal como no texto anterior, de Letícia Nascimento (2023), a Nomi também passou por punição, em função dos “desejos” que ela tinha. Vê-se que ela se deparou com diferentes tipos de ignorância, violência e repressão, embasadas na tentativa de terceiros em rotular sua construção identitária, através da imposição de um modelo de masculinidade em casa e no clube de natação. Sobre isso, Alef Lima (2021, p. 158) destaca que a ignorância e, conseqüentemente, a repressão, cumprem com papel moral e, ao mesmo tempo, psicológico, “seja por ser cúmplice das desigualdades naturalizadas ou por insistir na repetência do erro sem dar-se conta da norma (histórica e cultural) reproduzida na insistência” e na violação dos processos identitários de determinada pessoa.

A situação vivenciada pela Nomi pode ser vista como uma intervenção que começa por ação moral e, ao mesmo tempo cultural, mas que segue por atuação física e, no futuro, mostra os vestígios, também, de uma violação psicológica. Revelando esse conjunto de violências como “um campo complexo capaz de reiterar a normatividade das sexualidades e identidades de gênero na forma de um dispositivo de poder” (Lima, 2021, p. 160).

Também, importa salientar que o clube de natação, em vez de ser um espaço de formação saudável, transforma-se em um cenário de imposição das subjetividades e, com isso, de promoção da violência. De forma ríspida e fria, a personagem teve seu trauma materializado no corpo, através das queimaduras de segundo grau que ela carrega como cicatrizes em seu estômago. Esse evento culminante traz uma virada na narrativa, a personagem passa a entender que a verdadeira violência não é apenas a mesquinha brutalidade que sofreu, mas a dor profunda de negar a si mesma, de tentar forçar-se a caber em um molde que outros/as construíram. Nomi então se recusa a continuar naquele ambiente, abandonando não só o clube de natação, mas a busca por facilidades através de conformidade.

A experiência de vulnerabilidade e humilhação no vestiário mostraram para a Nomi que ela não poderia e, tampouco, deveria continuar negando sua subjetividade e, então, ao declarar que não queria ser como eles, ela se libertou de uma estrutura de poder que se alimenta de violência e conformismo (Lima, 2021; Silva; Dazzi, 2022). Ademais, as colocações da Nomi durante essa segunda narrativa expressam a luta da personagem pela própria identidade, assim como representam um manifesto contra a autoagressão de fingir ser quem não é. Essa narrativa revela que a coragem de aceitar a si mesma é o maior ato de força, algo mais poderoso do que qualquer definição imposta de ser homem ou ser mulher. É uma afirmação de humanidade e integridade.

Ao longo de *Sense8*, vê-se que são muitas as cenas de conflito da Nomi com Lawrence e Janet, mas ao que parece, ela teve mais embates com a mãe do que com o pai, já que Janet mostra-se mais moralista e controladora do que Lawrence, que apresenta uma postura menos agressiva com a Nomi. Ainda assim, no decorrer da série, é possível observar, o que consideramos, pequenos progressos na relação da Nomi com Lawrence e Janet. O primeiro movimento que aparece de aproximação e cuidado de Lawrence com a Nomi acontece durante um dos momentos do nono episódio da segunda temporada quando um agente do FBI, chamado Bendix, invadiu a cerimônia de casamento da Teagan, na tentativa de prender a Nomi:

Amanita Caplan: [...] Queridos cidadãos da banda mais abastada de São Francisco, este homem, o agente Jeffery Bendix, invadiu esta cerimônia sagrada, violando este momento importante, por nenhuma razão além de massagear seu ego masculino! [...]

Bendix: Nomi Marks é uma das fugitivas mais procuradas da cidade.

Amanita Caplan: Prove! Mostre o mandado, agente Bendix.

Bendix: Tenho o mandado de prisão bem aqui.

Nomi Marks: Ele não tem mandado.

Bendix: *Claro que tenho. [...]*

Lawrence Marks: *Imagino que conheça a firma de advocacia Winslow, Wise, Allegretti & Marks? Eu realmente espero que você me mostre o mandado.*

Bendix: *O que você fez? Ela fez alguma coisa! Deve ter hackeado o sistema! Isso é ridículo!*

Lawrence Marks: *Tire as mãos da minha filha... senão eu juro que vou abrir um processo do tipo que acaba com carreiras de homens como você. [...]* (T2, EP9)

Pela primeira vez, Lawrence chamou Nomi de filha e, diante da postura do pai, Nomi se emociona pois, seu pai nunca a defendeu daquela maneira. Outra cena que destacamos para pensar a aproximação da família de Nomi com ela, está no episódio final, em que acontece o casamento de Nomi e Amanita. Neste episódio, Lawrence e Janet foram convidados ao casamento da Nomi, juntamente de Teagan e de seu marido, o Tom. O casamento aconteceu em Paris, no alto da Torre Eiffel, reunindo familiares e amigos/as mais íntimos de todo o *cluster* e, durante o acontecimento, observa-se uma aproximação na relação entre Nomi e Janet, a partir de duas cenas. A primeira foi quando, pela primeira vez, Janet se refere a filha pelo nome dela, Nomi:

Janet Marks: *Meu Deus. Só mesmo o Michael...*

Teagan Marks: *Mãe, estou avisando.*

Janet Marks: *Só a Nomi para transformar o que deveria ser um casamento civil simples em um espetáculo.*

Tom: *Achei incrível.* (T2, EP12)

E, a segunda, quando Janet cumprimentou Nomi na comemoração pós-casamento:

Janet Marks: *Nomi! Nomi! Nomi! Não sei no que estava pensando. Nomi... É um lindo nome (Janet, T2, EP12).* Consideramos essa cena como um progresso, no sentido de que há um desenvolvimento, um movimento de aproximação da mãe com a filha, motivo de surpresa, especialmente, para a Nomi no final do episódio.

Entretanto, situações como essa mostram que, na vida real, fora do universo dos *streamings*, finais felizes podem ser uma realidade distante ou, nem mesmo, ser uma opção para pessoas trans. As dificuldades vivenciadas por Nomi em quase toda a série, com a família dela, retratam o lugar não-digno de trocas afetivas que ainda perpassa pelas vidas trans (Nascimento, 2020). Ademais, progressos como esses, da Nomi com a família, são de grande importância na superação do preconceito e da transfobia, tal como coloca Letícia Nascimento (2020, p. 19) “É o momento de estabelecermos conexões com os outros e conosco, aprender com o outro a ser outro” e, com isso, lidar com o sustento da violência em função das diferenças (Quinalha, 2021).

Considerações Finais

A presente pesquisa analisou questões de gênero e sexualidade presentes em um artefato cultural estruturado como série de *streaming* e, com isso, foi possível observar um conjunto de situações que expressam sofrimento e desconsoles vivenciados por uma mulher trans nas lutas contra a transfobia.

Ainda que pertencente ao universo da ficção e da cinematografia, *Sense8* é uma série que busca apresentar uma trama e roteiro que pressionam problemas não solucionados no contexto social vigente, como, no caso da Nomi, as violências historicamente direcionadas a corporalidades transgêneras e o minucioso silenciamento aplicado àquelas expressões de gênero e sexualidade desvinculadas aos sistemas cisheteronormativos, entre outras inquietações envoltas nestes temas.

Nesse sentido, enquanto artefato cultural, neste trabalho de pesquisa, *Sense8* possibilitou pensar as relações familiares de forma analítica e extensiva, com vistas a compreender de que maneira essas relações podem impactar na formulação das subjetividades e do processo identitário dos/as sujeitos/as marcados/as por essas relações. O caso da Nomi, em particular, reflete as hostilidades alimentadas e perpetuadas em espaços sociais que são tidos como a base para a formação integral de qualquer pessoa, tais como as instituições familiares e educativas.

A situação da Nomi no clube de natação, trazida nas análises, faz referência   ignorância e   discrimina o que, massivamente, consomem os circuitos educacionais das sociedades que, por sua vez, marginalizam a diversidade sexual e de g nero e, por conta disso, usam de sistemas punitivos para corrigir traços indesejados nas subjetividades dos/as sujeitos/as. Por outro lado, nota-se que as situa oes de conflito entre Nomi, Janet e Lawrence retratam a instabilidade e inacessibilidade que, muito frequentemente, assolam o seio familiar ao tentar tratar sobre as questões que envolvem g nero e sexualidade.

A resolu o das diferenças entre a Nomi e a Teagan, seguida da aproxima o significativa entre as duas, demonstra a importância de uma rela o familiar saudável. Já as memórias e depoimentos da Nomi, acerca dos comportamentos moralistas da sua mãe, ou, com rela o às posturas r spidas do seu pai, denunciam os impactos negativos de uma rela o familiar distante. A vincula o de Nomi com a irmã, com a mãe e com o pai, nos

convidam a refletir sobre o conceito de família e de afetividade, sobretudo, refletir tais conceitos sob os parâmetros de um convívio saudável, dentro e fora de casa.

Conclui-se, por fim, que *Sense8* é uma série política, que convida o público à reflexão crítica acerca do funcionamento e estruturação das sociedades que regem o mundo, sendo uma série que confronta sistemas autoritários, ditatoriais e verdades antiquadas.

Referências

ALVES, Elder Patrick Maia. A digitalização do simbólico e o capitalismo cultural-digital: a expansão dos serviços culturais-digitais no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n. 1, p. 129-157, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/RQhJVHVpg9GCQS73Rd7pSdg/?format=pdf>. Acesso em: 29 maio 2024.

ALVES, Pedro de Moura. **As múltiplas territorialidades do medo e violência LGBTQIA+ na cidade de Pelotas/RS: corpos em processo de exclusão**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Pelotas - UFPel. 2021.

ANDRADE, Luma Nogueira de. Assujeitamento e disrupção de um corpo que permanece e resiste: possibilidade de existência de uma travesti no ambiente escolar. **Recii**, v. 13, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1822>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CRESWELL, John Ward. CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

CUNHA, Vitória Oliveira; DOLABELLA, Bruna Boechat de Souza; KIND, Luciana. Relações familiares e orientação sexual: análise da percepção dos familiares acerca da homossexualidade de um de seus membros. **Pretextos**, v. 5, n. 9, p. 648-663, 2020.

FERNANDES, Tayná Salles. **A representatividade LGBT na Netflix: Uma análise de SENSE8**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Volume II. O uso dos prazeres. São Paulo: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder (1982). *In*: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e a da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HATJE, Luis Felipe. **Trans(formar) o nome: a construção dos sujeitos transgêneros a partir do nome**. 2018. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande. 2018.

HATJE, Luis Felipe; PEREIRA, Lara Torrada; RIZZA, Juliana Lapa. As telefonistas: gênero e sexualidade em interface com a luta das mulheres por seus direitos. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; BOER, Raphael Albuquerque de. **Leituras sobre a sexualidade em filmes: as pedagogias culturais em foco**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 117-139, 2020.

LIMA, Alef de Oliveira. A ignorância cisheteronormativa. **Bagoas**, v. 14, n. 22, p. 155-174, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/22354/14394>. Acesso em: 29 set. 2024.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Gênero e ciência: analisando alguns artefatos culturais. **Exedra: Revista Científica**, n. esp., p. 169-191, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6499911>. Acesso em: 30 maio 2024.

MELLO, Yasmin Teixeira. **Existências, resistências e reconhecimento: tecendo interlocuções com narrativas de Pesquisadoras/es trans brasileiras/os**. 2021. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande. 2021.

MOURA, Franciele Oliveira de; PEREIRA, David de Sousa; KEEGAN, Cael M. “HOMO SENSATE”: GÊNERO, ETNIA E SEXUALIDADE. **Revista Anagrama**, v. 13, n. 1, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/154466/153662>. Acesso em: 04 maio 2024.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia. **INTER-LIGERE**, v. 3, n. 28, p. 1-22, 2020.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. Quantas solidões habitam a corpa de uma travesti negra e gorda? **Psicologia e Sociedade**, v. 35, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/w8xK4v9c76pRWcWLMCDdqs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2024.

PIRES, Anderson Moraes; MAZZA, Selene Regina; PIRES, Jacia Hellen Sobreira. “É crime sim!”: uma netnografia sobre a criminalização da LGBTQIA+fobia no Brasil.

Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 3, n. 12, p. 108-131, 2020.

Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10831>. Acesso em: 06 maio 2024.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SILVA, Manoel Flavio Cheles Da; DAZZI, Camila Carneiro. Homofobia e homoerotismo: o discurso religioso sobre LGBTs. **Revista COR**

LGBTQIA+, v. 1, n. 3, p. 86-108, 2022. Disponível em:

<https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/546/521>. Acesso em: 28 set. 2024.

SILVA, Lauri Miranda; SCHMIDT, Benito Bisso. Mulheres trans-negras universitárias em Rondônia – experiências de opressão e resistência. *In*: VELOSO, Igor; HILÁRIO, Rosângela; DIONISIO, Tiago; REIKDAL, Tom Cleverton. **Dissidências sexuais e de gênero em diversos campos de lutas: o sentido do direito à existência**. Porto Velho: Educar, p. 94-112, 2021.

SILVA, Simone Cerqueira da; DESSEN, Maria Auxiliadora. Relações familiares na perspectiva de pais, irmãos e crianças com deficiência. **Rev. Bras. Ed. Esp**, v. 20, n. 3, p. 421-434, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbee/a/vQTc3sNtpMt5vFwNYds36f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SOUZA, Carla Araujo de; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de. O cinema e a educação como possibilidade de empoderamento feminino - Estrelando: mulher-maravilha.

Revista Diversidade e Educação, v. 9, n. 1, p. 428-458, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13026/8939>. Acesso em: 02 out. 2024.

UOL. **Netflix ressuscitará Sense8 e encerrará história com episódio de 2 horas**.

2017. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/series/netflix-ressuscitara-sense8-e-encerrara-historia-com-episodio-de-2-horas-15685>. Acesso em: 11 maio 2024.

VALIATI, Vanessa Amália Dalpizol. Consumo audiovisual em plataformas digitais: a configuração de práticas e fluxos na rotina de usuários da Netflix. **Galáxia**, n. 45, p. 194-206, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/gal/a/3vrwRrWCDjzq4HPWC5NLRyf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 maio 2024.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.

In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em junho de 2025.